

Penna, Agulha e Colher

«JORNAL» DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alcáa
Caixa postal n. 49

Supplemento da «E'poca»
Anno VIII—Num. 7

Anno I

Florianopolis, 1º de Dezembro de 1917

Num. 7

Pedido patriótico

Assim como ninguem vive de ar, um jornal não pode viver, ou, pelo menos, melhorar, com o decorrer dos annos, si não o ajudarem, com suas assignaturas, os que pelo seu desenvolvimento se interessam.

Ora, quem ha de interessar-se por um jornal catholico sinão os catholicos? E por um jornal de moças, sinão as moças?

Eis, pois, o que vos quero hoje dizer, caras patricias: é nosso desejo melhorar, tanto quanto possível, a secção feminina da «E'poca», e, para mais depressa conseguirmos o nosso intento, resolvemos crear assignaturas só para a—*Penna, Agulha e Colher*: auxiliaremos assim a «E'poca», e apressaremos, talvez, o melhoramento da nossa secção.

Digo—talvez, porque ainda não sei si minhas amáveis patricias não se farão surdas a este novo pedido.

Espero, porém, que sejam verdadeiras patriotas, manejando as armas da imprensa: sinão escrevendo, ao menos ajudando as que o fazem.

E ninguem me diga que isto não é patriotismo!

Ser patriota não é só amar a terra que nos serviu de berço, mas é amar também a sua lingua, os seus costumes, as suas leis.

Amar a patria não é só dizer—Eu te amo, Brasil!—mas é, principalmente, trabalhar para o engrandecimento da grande patria brasileira!

Amar a patria é velar por tudo quanto ella tem de grande, de bello, de util!

Amar a patria é amar o que ella produz!

Amar a patria é amar todos aquelles que trabalham para o seu desenvolvimento material ou moral!

Amar a patria é obedecer ás auctoridades e respeitá-las!

Amar a patria é desejar que seus filhos nunca a deshonrem com uma vida ociosa ou prejudicial aos interesses da nação!

Irmãs! para quem especialmente escrevo, si vossos irmãos forem verdadeiros patriotas, animai-os com o calor de vosso applauso; mas si, infelizmente, forem inúteis á defesa da patria ou avessos ao seu progresso, censurai-os, corrigi-os com os vossos conselhos, que eu não posso crer que haja brasileiros que não se commovam com o pedido de uma irmã terna e carinhosa!

Mães! lembrai-vos da vossa tremenda responsabilidade, perante Deus e a Patria, e vigiai sobre vossos filhos!

Quem ama a patria, minhas boas patricias, contribue, na medida de suas forças, para que a lingua de seus avós, que é a sua, cada vez floresça mais no seio da familia!

Amáveis patricias, a secção feminina da «E'poca» deseja despertar, nas intelligencias feminis, o amor pelo estudo da lingua vernacula.

Quanto mais linguas soubermos, tanto melhor, mas sejamos verdadeiras patriotas, estudando, em primeiro lugar, a nossa lingua tão bella!

Caras patricias, aqui vos deixo o pedido: assignai o jornalzinho *Penna, Agulha e Colher*, cuja assignatura custará apenas 2\$000 por anno, ou 200 rs. por mez, si quizerdes pagar mensalmente; e sede suas constantes leitoras, para que germine em vós o desejo de também escrever, aperfeiçoando-vos, assim, no estudo da lingua vernacula.

Imitai o exemplo das jovens que já estão mostrando sua boa vontade: naaa

sabemos, é verdade; porém, como escrevendo teremos ocasião de aprender e conhecer melhor as bellezas da nossa lingua, cá estamos a exercitar-nos, fiadas na benevolencia das muito caras patricias.

E prompto está o pedido de

Zenir Alcêa

Dominios da Esphinge

25) LOGOGRIPO

A' amiga Marília

Nuncia do Bem, visão consoladora—6, 11, 15

Que no céu te apresentas deslumbrante.—10, 20, 16, 1.

Desce do espaço; vem, refrigerante.—12, 9, 19, 15, 7.

Sobre este altar resplandecer agora.—2, 13, 21

Canta, e, figueira pelo espaço em fóra.—14, 4, 18

Vem na manhã gentil, irradiante;—18, 1, 8, 13, 5, 17, 3, 7.

Que, ao negror da noite apavante.—8, 20, 18, 4, 14

Brame, do mar, a furia assustadora.—16, 9, 11.

Eu te saúdo, o Mãe abençoada!
Invicta Soberana, idolatrada,
Exemplar de bravura e lealdade!

Eu te venero porque és santa e pura,
Porque da fronte sobre a formosura
Tens a corôa immortal da Liberdade!

Heloisa.

26) LOGOGRIPO

A' Marília

Vês as frondosas palmeiras
Que formam tão lindo bosque?—2, 3, 4, 5

Pois ahi na escuridão—10, 5, 11, 6, 3
(Cuidado! pois levam baque!)—8, 12, 9, 7, 1

Uma grande multidão—1, 5
Te pede est'arte, Marília.

Vif.

27) NOVISSIMA

Edésia é senhorita celebre—2, 2

Maria A. Cunha (Laguna)

Deu-se um facto muito engraçado nesse lar—2

I. A.

Primeiro torneio charadistico

Abrangerá os mezes de Outubro e Novembro. O resultado será annuciado no numero de 22 de Dezembro. Haverá dois premios: um para quem tiver decifrado maior numero de composições do torneio (em caso de empate, decidirá a sorte), e outro para a melhor composição das que se publicarem nestes dois mezes.

Este premio será conferido por votação das charadistas, votação que se encerrará impreterivelmente a 19 de Dezembro.

As soluções de cada numero podem vir no prazo de 24 dias, a contar da data da publicação.

Alistaram-se nas phalanges charadisticas da P. A. e C.: d. Maria Augusta Cunha, da Laguna, e d. Florisbella Fraga, do Tubarão. Sejam bem-vindas.

Heloisa enviou a solução do ultimo enigma; Eunyce Dagmar—a do logogrifo; d. Iracema Aducci—a de ambos. Está na dianteira Eunyce Dagmar (20 pontos).

Deixam de sahir varias composições recebidas: umas são difficeis de mais, outras não estão certas ou são de genero pouco conhecido. Desculpem-me suas autoras.

Soluções dos problemas publicados a 3 de Novembro: Pseudonymo, Amor da Caridade, Procellaria, Rosario, Tubarão, Valparaíso-Paraiso, Banana-Banana, Uvalva.

Carta singela

Querida Ignez

Saudando-te amigavelmente, venho agradecer-te o teu silencio... que bem tenho apreciado. Quer-me parecer que não

te agradou a minha ultima de 4 do corrente; ou não a recebeste?—Emfim, não desejo que a nossa correspondencia vá por agua abaixo, e eis-me a garatujar...

Tenho aqui sobre a minha mesinha uma carta da Nini; lembras-te da terrivel Nini, a quem nunca percoarás as peças que te pregava: n'quelles nossos felizes tempos do Collegio? Fomos sempre muito amigas, e, desde que ella seguiu com o pae para a Serra, nos correspondemos a miudo por cartas. Pois bem, hontem recebi uma dessas suas missivas, longa e affectuosa; dizia-me ella entre muitas outras cousas: *Que significa um nacionalizar a religião, que, de envolta a uma descantada cantilena, me chegou aos ouvidos? Será mesmo que a nossa Santa Religião se nacionalize? Eu cá, de mim para mim, entendo que a Religião, sendo Universal, é, para todos os povos, uma em sua doutrina e em seus sacramentos, e portanto, não se amolda ás vontades desta ou daquela nação.* E por ali aciante a Nini faz as suas sisudas apreciações sobre diversos paizes, cujos soberanos, querendo *nacionalizar* a religião, precipitaram-se no chão das heresias.

Vês ahí, Ignez? Compreendes como chegou aos ouvidos da nossa amiga aquella phrase, desmiolada, sim, mas perversa? Pela má imprensa, Ignez, esse-monstro ideado nas proincas do Inferno, que assim leva a toca patte o erro.

E' bem verdade que a Nini não esteve pelos autos; mas raciocinarão como ella todos os que têm taes disparetes? Esta pobre gente incauta e engenhua logo tem por certo o que se lhe diz ou escreve; ahí está o mal. Contudo, não poderemos dizer-lhe ou escrever-lhe a verdade? Por certo! e ahí está o contra veneno—*a Boa Imprensa*—a neutralizar os effeitos terriveis deste mortifero veneno.

Ja escrever á boa Nini fazendo-lhe uma succinta explicação da palavra «nacionalizar», confirmando e approvando o seu sentir; mas reflecti um pouco e achei que pela «E'poca», isto é, pela *nossa* «Penna, Agulha e Colher», a explicação aproveitaria mais, e assim, como diz

o proverbio, de uma cajadada matam-se dois coelhos.—Vou deixar ao teu cuidado esta tarefa; acceitas, não é?

Escrevo hoje mesmo á Nini, dizendo que procure no supplemento da «E'poca» a explicação do *nacionalizar a religião*.

Assim façamos sempre da Boa Imprensa uma arma digna para defendermos as nossas caras tradições religiosas e patrioticas. A Boa Imprensa é tudo nos tempos que correm!

Ouvi dizer que o sympathico supplemento que abriga as nossas «cartinhas singelas» vae-se transformar em jornalzinho, accetando assignaturas separadamente da «E'poca». Recebamos a idéa de braços abertos, e... mãos á obra, para que tenha muitas, muitissimas assignantes!

E' com taes desejos que faço ponto, recommendando-me ás tuas contritas orações.

FABIOLA

27/11/917.

Vaidade curada

COMEDIA EM 3 ACTOS

Adaptação de EDÉSIA ADUCCI

PERSONAGENS

Selma, 16 annos)
Zilda, 14 ») irmãs
Luizinha, 10 »)
Ignez, 16 annos, sua prima.

ACTO I

(Continuação)

LUIZINHA—Sim, dia e noite lavava na testa, e quantos cuidados não tinha com o «eu vestido!

IGNEZ—Com certeza ella pensava encantar a todos com a sua elegancia, e agora se desenganou por não achar bom o vestido!... Ah priminha! priminha!

SELMA—E' verdade: Zilda possui uma boa porção de—vaidade!

LUIZINHA—(ingenua) Porém ella fica bem bonitinha com o seu vestido de cigana!

IGNEZ—Então por que não quer re-presentar?

SELMA—Porque não, Luizinha? diz duma vez!

LUIZINHA—Ella estava sentada no nosso quarto e chorava e se lamentava...

SELMA—Coitada! Está outra vez com dôr de dente?

IGNEZ—Ou com dôr de estomago?

LUIZINHA—Não, não! Ella disse que... não podia representar...

SELMA—Mas porque não? Diz duma vez, que já estou ficando impaciente!

LUIZINHA—Ella disse que, si representar, farão escarneo della... porque...

SELMA—Continúa, Luizinha!

IGNEZ—Acaba com isso, menina!

LUIZINHA—Ella amanheceu com o rosto manchado em diversos logares... e por isso...

IGNEZ—(rindo)... não quer representar?!

SELMA—E parece que nem são espinhas, como ella me disse hoje de manhã, mas apenas umas manchinhas...

LUIZINHA—E' verdade que as espinhas tornam a gente feia, mas...

SELMA—Mas o que, Luizinha?

LUIZINHA—Mas eu acho que Zilda não devia desmanchar o nosso prazer por causa de umas espinhas!

SELMA—Então é mesmo por causa das *taes manchas* que ella não quer representar? (L. diz com a cabeça que sim).

IGNEZ—E' impossivel que ella tenha falado seriamente!

SELMA—Tu não conheces a nossa Zilda, Ignez!

IGNEZ—Mas tambem ella não ha de ser tão tola, que não comprehenda que nenhum mal fazem umas manchinhas no rosto.

LUIZINHA—Tambem penso assim, e mamãe ainda hontem disse que o que dá valor á nossa festa é a nossa boa vontade.

IGNEZ—E é mesmo!... Vinde, vamos falar com a Zilda, que, com certeza, ouvirá nossos conselhos. Onde é que se viu não se representar por causa de umas manchinhas vermelhas?

SELMA—E ainda mais fazendo o papel de cigana!

LUIZINHA—Pois eu já lhe disse, para convencel-a: Zildinha, numa cigana es-

sas cousas não dão na vista, e, além disto tambem ha ciganas feias.

SELMA—(rindo) Ai! ai! Tu lhe disseste isto, Luizinha? (rindo) Engraçado! a nossa Zilda: uma cigana feia!

IGNEZ—E's impagavel, Luizinha!

SELMA—(rindo) Não posso deixar de rir!... A Zilda passar por uma... cigana feia!

LUIZINHA—Ella me disse zangada: Eu não represento! e não mudarei de opinião! Vocês façam o que quiserem!

IGNEZ—Isto é o cumulo!

SELMA—Tu nos deves ajudar, Ignez! Sem o teu auxilio nada podemos fazer.

IGNEZ—Aqui estou para servil-as! (pensando) Luizinha, tu não lhe disseste que eu já tinha chegado?

LUIZINHA—Não, nada lhe disse a respeito.

IGNEZ—(esfregando as mãos em signal de contentamento) Então vá! Aqui (bate na cabeça) surge uma boa idéa! Nada lhe disseste, não foi?

LUIZINHA—Não, nenhuma palavra!

IGNEZ—Vou experimentar si dá bom resultado o que estou imaginando.

SELMA—Vem, Luizinha, que Ignez deseja estar só, não é?

IGNEZ—Agora, sim, mas em outras occasiões não sou amiga de estar só. (As duas vão sahindo) Não se esqueçam de guardar segredo, hein?

SELMA—Não, itca socegada. (Sae com Luizinha)

SCENA VI

Ignez 'só

Agora pensa bem, Ignez, no que vaes fazer (pensa um pouco, e continúa resoluta). E' preciso, sim, que eu experimente cural-a, pois isto não pode continuar assim! E' uma lastima! Uma menina de 14 annos viver a pensar nios seus vestidos e na belleza do seu rosto, de tal maneira, que deixa de representar por parecer menos bella do que na vespera?! E' preciso, forçosamente, que ella seja curada, radicalmente curada de tal defeito! Não posso comprehender semelhante cousa!... Como se pode, simplesmente por vaidade, ser o desmancha-prazeres dos outros?! Por causa de duas ou tres espinhas!!!

(Continua)